

Ser pós-moderno

Por Norberto Chaves

Um argumento em favor da lucidez crítica dos designers.



Ignorar as consequências éticas, culturais e econômicas das novas tendências sociais e suas respectivas origens significa que são consideradas sem importância. Isso é observado tanto nos usos e costumes da vida cotidiana quanto na política, na ideologia e na criação do pensamento e da arte.

Nossa época nos confronta com um acúmulo de eventos inesperados e surpreendentes que excedem nossas capacidades de interpretação; fatos que nos são impostos como verdades históricas irrefutáveis e imutáveis. E isso nos leva a aceitá-los e aderir à tendência, mesmo que seja para não ir na contramão e ser visto como atrasado. É o fenômeno que os teóricos chamam de «mimese»: contágio passivo e irrefletido.

No entanto, o fato de não podermos descobrir suas origens ou suas implicações nos permite atribuir tendências positivas e negativas. Não é um problema pequeno: ignoramos o significado das nossas próprias adesões.

O atual cenário social é marcado pelo modelo da pós-modernidade, que não é um mero estilo ou moda, mas, segundo Fredric Jameson, a «lógica cultural do capitalismo avançado». Este modelo condiciona todos os comportamentos sistêmicos, não marginais ou anedóticos. E entre eles, a comunicação tem um protagonismo absoluto; não só a comunicação social, mas até a comunicação interpessoal.

O design, portanto, recebe esse impacto e, em seus campos predominantes, não responde mais aos padrões da modernidade. Essa mudança, pode, e muitas vezes, ser interpretada erroneamente como uma mera moda passageira ou evolução do gosto, é um fato revolucionário, ela envolve uma mudança radical nos padrões de produção, distribuição e consumo de bens sociais, no sentido mais amplo da expressão

O escasso desenvolvimento dos recursos teórico-ideológicos na profissão de design é o lado fraco através da qual essas tendências caem. Os projetistas (exceto nos casos excepcionais de formação humanista autodidata) carecem de anticorpos para garantir uma autonomia mínima diante dessas condições. E aderem não apenas na produção dentro da tendência (comportamento praticamente inevitável), mas em sua alegre celebração e legitimação (atitude colaboracionista claramente evitável).

A obsequiosidade diante da oferta tecnológica; a apologia não crítica da inovação; o regozijo nos caprichos da criatividade banal, são todos produtos do mercado de simulação que levantam reivindicações que não podem ser ignoradas sem perder o emprego. Mas é importante estar ciente de seus efeitos degradantes, mesmo que apenas por dignidade.

Em um dos meus últimos livros, *Ser Pós-Moderno: Dilemas culturais do capitalismo financeiro*, analiso os prós e contras dessa mudança. Sinteticamente, eu aponto, por um lado, a não viabilidade de qualquer intenção de reverter o processo e, por outro lado, a natureza suicida de uma adesão acrítica a ele. Existe o conflito. Este conflito é o que encoraja a fuga para a utopia ou reformismo ingênuo, presente por trás das propostas de «design alternativo». Independentemente da sua viabilidade, tais propostas não resolvem o problema subjacente. Mas eles mitigam a culpa. Eles fornecem saídas de emergência para uma consciência desarmada, incapazes de detectar a dimensão da crise e suas causas.

Eu sou membro de uma geração militante em que a crítica era um comportamento generalizado, desde minhas origens na ocupação pedagógica, nos anos 60, eu tenho trabalhado principalmente sobre estas questões. Opção que transformei em uma tentativa, não muito bem-sucedida, de contribuir para a lucidez dos designers. Ser pós-moderno foi uma última tentativa.

Trabalhe contra esse combate (que todos os dias vejo como mais quixotesco) a Paideia negativa exercida pela atmosfera ideológica dominante. A isto se soma o pragmatismo tecnocrático e a ideologia neoliberal predominante nas escolas de design. Apenas excepcionalmente as academias alertam seus alunos sobre as ameaças éticas implícitas em seus mercados. Incautos para atrair clientes, oferecem a consciência pedagógica reconfortante de jovens vendê-los utopias hipócritas («Projeto pode mudar o mundo», Istituto Europeo di Design). E privá-los de um conhecimento da sociedade, objetivo e radical, isto é, suas raízes. E as terapias paliativas sem diagnóstico agravam o quadro.

Trabalhar é colaborar, direta ou indiretamente, com um mercado real que imponha suas condições, normalmente injustas ou conflitantes. Não é grave: o mais grave é ignorá-lo e celebrar sua própria alienação.

Publicado em 22/12/2018



ISSN 1851-5606
<https://foroalfa.org/pt/artigos/ser-pos-moderno>

